

Carta ao Presidente Getúlio Vargas¹

Monteiro Lobato

Introdução

Nesta seção de **Documentos e Fontes**, a revista *Cadernos de História da Ciência* reproduz² uma carta de Monteiro Lobato, escrita em Nova Iorque em 09 de dezembro de 1930, dirigida ao então Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Getúlio Dorneles Vargas.

A carta aqui reproduzida, complementa o trabalho “Homens modernos e um novo modelo para o Brasil: A correspondência entre Monteiro Lobato e Arthur Neiva (1918-42)” e nos ajuda a problematizar as questões políticas e científicas brasileiras por meio de um renomado brasileiro que transitou por diversas áreas.

Esta carta escrita durante a estadia de Monteiro Lobato em Nova Iorque, que em 1927, havia sido nomeado, pelo então Presidente da República Washington Luiz, como Adido Comercial. Em 1929 em carta enviada a Júlio Prestes, então candidato da situação do governo brasileiro as eleições presidenciais de 1930, Monteiro Lobato demonstra apoio a continuidade administrativa. Porém em 06 de dezembro de 1930, em Decreto assinado pelo chefe do Governo Provisório, vários funcionários do Itamaraty foram dispensados, e Monteiro Lobato perdeu seu cargo de adido comercial.

Essa carta escrita por Lobato faz uma espécie de balanço de suas observações durante os anos que passou em Nova Iorque, apontando algumas conclusões a que chegou e sugerindo algumas ações. Em seu diagnóstico, apontou o ferro, o petróleo e o trigo como assuntos prioritários a serem melhorados para que o país se desenvolvesse.

¹ A carta original pode ser consultada no acervo do Museu de Saúde Pública “Emílio Ribas”.

² O trabalho aqui reproduzido é fiel a todo conteúdo do original, inclusive das regras gramaticais a época, porém não se trata de uma reprodução em *fac simile*, e sim de uma transcrição do conteúdo, tendo sido adequado em forma e estilo aos parâmetros da revista.

Secretaria dos Negócios do Interior

Nº.....

COPIA

Nova York, 9 de dezembro 1930.

Senhor Presidente.

Acho de meu dever apresentar a Vossa Excellencia algumas das conclusões a que cheguei, com respeito a varios problemas brasileiros, durante a minha estadia na America. Como são conclusões meditadas e baseadas em factos, espero que não redundará em perda de tempo os minutos que Vossa Excellencia dispender em lel-as.

O exame das importações do Brasil revela três hypertrophias que por si sós explicam a fraqueza da nossa situação economica: trigo, ferro e combustivel. A reducção dessas hypertrophias equivalerá ao augmento de exportação que a balança commercial está pedindo e não temos conseguido. Que não temos conseguido e difficil se faz conseguir, dado o phenomeno notorio da superprodução mundial de todas as materias primas. Em vez de insistir no augmento da exportação dos artigos que produzimos, nenhum dos quaes constitúe monopolio nosso e, portanto, não encontra escoadouro livre de concorrencia, parece-me linha de menor resistencia atacar as importações, obtendo por meio das redução dellas o ouro que tão cedo não podemos obter pelo augmento da exportação.

FERRO. É o nosso problema basico, cuja solução solverá automaticamente uma série de outros problemas até aqui apenas ladeados. A primeira significação do ferro é transporte; transporte significa mobilização de reservas naturaes; mobilização de reservas naturaes significa desenvolvimento economico ou riqueza. Assegurada esta, tudo mais se põe ao nosso alcance – moeda ouro, cultura do povo, alto padrão de vida, os tres caracteristicos principaes dos grandes paizes civilizados.

A America é o que é graças ao ferro. Foi a incorporação á sua estrutura de milhões e milhões de tonelada de ferro produzido em casa que permittiu o espantoso desenvolvimento economico de um paiz que a seculo e meio não passava de simples colonia. A America superou em riqueza os grandes paizes europeus, alcançando para seu povo um padrão de vida que é imedito na vida da humanidade, unicamente porque produziu e applicou em teu territorio mais ferro que toda Europa reunida.

Construiu 250.000 milhas de estradas de ferro, ou 40.000 mais que o resto do mundo. Possúe em trafego 26.000.000 de automóveis, ou mais 19.000.000

que o resto do mundo. Os algarismos apresentam proporções aproximadas em numerosos outros campos. Bem estudadas as causas, tudo não passa da consequencia logica da alta producção de ferro.

Essa monstruosa ferragem da estructura do paiz creou um systema de transporte por terra, ar, agua e sub-solo sem rival e permittiu uma mobilização de reservas naturaes tão intensa e um aparelhamento tão completo, que o indice de eficiencia do americano se viu elevado a 42, quando o do europeu não passa de 13. E a ferragem prosegue a passos de gigante, numa progressão que vae levando a America a tornar-se um mundo dentro do mundo.

Ao observador distante, sem conhecimento directo da vida americana, espantam os algarismos de cá. A cidade de New York, por exemplo, com um orçamento de 620 milhões de dollares, com uma média de construcção de casas de 55.000 annuaes, nestes ultimos sete annos, no valor médio, tambem annual, de 855 milhões de dollares. Pontes, como a nova, em construcção sobre o rio Hudson, orçada em 60 milhões ou mais que a receita annual do mais prospero Estado do Brasil. Algarismos municipaes, estes. Se vamos aos algarismos nacionaes, assalta-nos a vertigem e para numerosas corporações o capital ou o movimento de vendas se medem por bilhões de dollares.

Sómente o estudo da producção, manipulação e applicação do ferro esclarece estes algarismos. Orça ella hoje por 50 milhões de toneladas annuaes, ou mais que a producção de todos os paizes europeus reunidos. Dessa enorme massa de metal, apenas 7 % são exportadas. 93 % entram em manipulação no paiz. Deste producto manipulado, menos de 10 % sáe; o resto é annualmente incorporado á estructura americana. Não é preciso nenhum esforço de imaginação para descobrir o segredo da progressão yankee.

Já um paiz como o nosso, de equivalente territorio, rico tambem de reservas naturaes, colonizado da mesma maneira e com os mesmos elementos – europeus, negro e indio – não consegue arrancar-se duma phase agricola rudimentar nem dar passo seguro para a mobilidade economica. Por que? Unicamente por falta do elemento mobilizador por excellencia – ferro. O Brasil, no entanto, possui um territorio 25 % do minereo de ferro com que o mundo ainda conta e de superior qualidade. Tremenda força que dorme. Sem despertal – a, sem transformar sua montanhas de minereos em machinas que multiplicam a eficiencia do homem, como os Estados Unidos o fizeram, sem ferrar a sua estructura, em summa, jamais se enriquecerá e, portanto, jamais solverá os numerozo problemas que o atormentam.

Para os 400.000 kilometros e vias ferreas americanas contrapomos 40.000, sendo que as necessidades, dada a equivalencia de territorios, sejam as mesmas para ambos os paizes. Cumpre accentuar que a rêde ferroviaria da America nada

custou aos americanos, visto que construída com ferro feito em casa, ao passo que nossa, se contas forem feitas, talvez não haja, compensado os sacrifícios que a possibilitaram. Seria curioso saber, por exemplo, quanto o Brasil ainda deve de empréstimos contrahidos para adquirir no estrangeiro ferro, sob fôrma de trilhos e machinas, que ha muito já se desfizeram em ferrugem.

Comprar ferro é política tão ruinosa como seria comprar tijolo, pedra, areia, telha ou madeira para a construcção das nossas casas – material perecível recebido em troca de ouro imperecível. Ferro é material de construcção como qualquer desses outros, é solo derretido, como tijolo é solo cosido. Comprar solo fóra é arruinar-se.

O Brasil, no entanto, apesar da sua riqueza em minereo, nada pode fazer até aqui em materia siderurgica, por falta de um dos elementos que a technica exige para transformar minereo em ferro: coke. Nossos carvões inferiores não dão, a preço economico, o coke sem o qual não ha ferro pelo processo corrente do auto forno. Foi o que fez falharem todas as nossas tentativas de siderurgia, desde a de Ypanema até á de Ribeirão Preto.

E assim ficaríamos, condemnados a uma civilização anemica por escassez de ferro em nossa estrutura nacional, se dos laboratorios de Detroit não surgisse o processo novo que permite fazer ferro sem o concurso forçado do coke e a preço de custo metade inferior ao corrente. Por esse processo, creado como de encomenda e sob medida para o nosso caso, o coke é substituido por qualquer material que contenha carbono, como madeira, feno, turfa, linhito, cascas de côco ou café, residuos de fabricas, bagaço de canna e até lixo das cidades.

Como não ha fusão do minereo, não se faz necessario o alto grau de calor que o processo do alto forno exige e nisto está a economia de 50 % no custo de producção. Póde pois o Brasil, dorá em deante, desdobrar seu minereo sem receber da fóra nenhum elemento e assim iniciar a transformação completa do paiz com aparelhar – se para a mobilização das suas reservas naturais, lançando-as na torrente do commercio e transformando-as em riqueza.

A primeira consequencia do estabelecimento, no Brasil, do novo processo de reducção de ferro será um golpe mortal numa das hypertrophias da nossa importação, barrando um dos canaes por onde nosso escasso ouro se drena para o estrangeiro, em troca dum material de construcção perecível. Além disso, tremendas possibilidades duma nova linha de exportação se abririam .

Ha tres annos que minhas tentativas para que o nosso governo tome conhecimento technico desde processo siderurgico, como base duma orientação segura na materia, esbarra numa indiferença que não me explico. Apesar de haver apresentado as informações mais completas e, mais, ter promovido todas as necessarias experiencias com minereo de Minas cascas de café e babassú, graças á cooperação officiosa dum eminente industrial brasileiro, nenhuma reacção

ainda revelou qualquer interesse por questão de tal magnitude. Não será crime retardar assim o início da revolução econômica que tudo está impondo no Brasil?

OLEO. A segunda hypertrophia da nossa importação, que está a clamar sério estudo sentido de reduzi-la, é a relativa ao combustível. Nada direi quanto ao carvão nacional, na dependência da solução do problema do ferro para que automaticamente se solucione. Mas quanto ao óleo há algo a considerar.

No demorado estudo que na América fiz a propósito do caso do óleo no Brasil cheguei a imprevistas conclusões sobre as quais chamo a atenção de Vossa Excelência.

Os geólogos de petróleo mais avisados deste país sorriem sempre que o problema da existência de óleo no Brasil é abordado. Dum desses tive esta desconcertante revelação:

“O Brasil é rico em petróleo. Dada a sua área territorial, as existências de petróleo, no Brasil, são seguramente maiores que as de outro qualquer país. Mas entre um país ter óleo e encontrar óleo, vai uma pequena diferença. O petróleo, como V. sabe, está em crise, por excesso de produção. Embora o termo das reservas conhecidas seja coisa para não remoto futuro, dado o espantoso consumo actual, há, no momento, excesso de produção e, pois, interesse das grandes companhias monopolizadoras em que não se abram novas fontes.

“Fique sabendo que o petróleo não é encontrado no Brasil por uma razão muito simples – porque não o convém a essas companhias. Não têm ellas, no momento, interesse no petróleo no Brasil, mas tem-no e forte no mercado que o Brasil já é para o petróleo que ellas refinam. Em vista disso, inutilizam todos os esforços que seu país, por intermédio de particulares ou do governo, faz para descobrir petróleo. As sondagens lá feitas não merecem fé. O Brasil paga a um geólogo ou a um “driller”, para achar petróleo, algumas vezes menos do que tem elle dessas grandes companhias para não achar petróleo e limitar-se a relatórios que não matem as esperanças.

“O negócio do petróleo está controlado no mundo por um grupo de homens agressivos, que jamais primaram por excesso de escrúpulos. Nada lhes é, quanto ao Brasil, despendido secretamente 50 ou 200 mil dólares cada vez que, na maior boa fé, seu país faz uma tentativa com técnicos estrangeiros para descobrir petróleo.”

Este homem é um dos mais afamados geólogos e “petroleum engineers” deste país. Foi quem localizou as perfurações de Oklahoma, a mais rica reserva dos Estados Unidos. É inventor dum aparelho de alta sensibilidade, de seu uso exclusivo, que indica a presença do óleo, de modo que as perfurações sob sua

indicação se fazem com altíssima porcentagem de feliz sucesso. Continuando a discorrer, abriu um file e delle tirou um recorte de jornal com a noticia da ultima exploração feita por conta do governo de S.Paulo pelo Dr. Chester W. Washburne.

-“Leia – disse-me ele. Este tecnico fez e aconselha sondagens com a sonda que aqui chamamos de core drilling. Sabe o que significa uma sondagem desse typo? Apenas waste of money, porque é justamente a sonda que no Brasil nunca poderá attingir as camadas profundas onde, segundo todas as indicações, o oleo está.

“Há ainda as sondagens viciadas, em que a sonda, depois de se aprofundar na terra com visada para a estratificação em mira, tem subitamente novo curso e, por mais que perfure, jamais attinge o alvo. Chamamos isto aqui “crooked drilling”.

“É fácil de comprehender que nenhum perito estrangeiro o talvez mesmo nacional, sem participação nos lucros do oleo que acaso encontre, resiste á tentação das generosas sommas que as grandes companhias lhe oferecem para deixarem tudo na mesma. São companhias riquíssimas para as quaes tal “bribery” nada pesa. Uma dellas, a Standard Oil, acaba, neste anno de crise mundial, de distribuir dividendos totalizando 286.666.728 dollares (veja “New York Times” de 26 do corrente).

“Só vejo um meio de quem quer achar petroleo bater na luta quem não quer que petroleo seja encontrado: pagar mais. Não em dinheiro – paiz nenhum da America do Sul vence em riqueza taes companhias – mas interessando o geologo com porcentagem do petroleo encontrado. A perspectiva de altos lucros futuros porá o tecnico do lado de quem quer encontrar petroleo.”

Esta conversa abriu-me os olhos e me levou a outras sondagens do mesmo teôr. A uniformidade de pareceres foi tal que pouca duvida hoje me resta que realmente assim seja. Talvez desse modo se explique o estranho phenomeno de, num continente onde o oleo está se revelando de norte a sul – Canadá, Estados Unidos, México, Venezuela, Perú e Argentina – só não ser encontrado no Brasil, isto é, num território da mesma formação geológica que constitúe pouco menos de metade de toda a America do Sul. A minha conclusão, neste caso, é que a política brasileira do petroleo deve ter como assente a duplicidade humana.

Enquanto, porém, o petroleo não se revela em nosso território, ha um meio de reduzir de muito a exportação de ouro que nos custa a compra da alta quantidade desse material e seus derivados, já indispensavel á nossa vida economica. É o estabelecimento, entre nós, da industria da refinação.

Segundo estatisticas officiaes, o Brasil importou, em 1929, gazolina, kerozene, oleo combustivel, oleo lubrificante, graxa mineral e asphalto no valor de 42 milhões de dollares. Esses productos, nesse volume, representam o desdobra-

mento pela refinação de 20.000 barris diários de óleo cru. Se, em vez da importação dos productos já refinados, fosse feita a importação do correspondente óleo cru para ser refinado ahi, como estão fazendo quasi todos os paizes, a despesa com essa importação cahiria a 12 milhões de dollares, ao preço actual de 2 dollares o barril. A diferença seria bastante sensível: 30 milhões por anno, ouro que deixaria de emigrar, sem que de nenhum modo as industrias que dependem dos productos do petroleo deixassem de funcionar em toda a plenitude.

O óleo cru necessario á refinação no Brasil podeira ser obtido da Russia em troca de café, com vantagem dupla para nós: obter a materia prima de que necessitamos e dar sahida a café em stock sem que houvesse depressão nos preços. Isto não é fantasia ou méra especulação imaginativa. Consultei, a respeito, a Amtorg Corporation, a grande agencia commercial que a Republica dos Soviets mantem nesta cidade, e obtive resposta favorável. Consulta telegraphica foi dirigida a Moscou e muito breve teremos algo de positivo na materia.

O facto do Brasil não haver reconhecido o governo russo não constitúe impedimento para negociar com a Russia. Os Estados Unidos também se recusam a reconhecer a Republica dos Soviets, o que não impede que as transacções commerciaes entre os dois paizes já estejam na casa dos 400 milhões, todos os negócios feitos por intermedio da Amtorg Corporation.

A montagem da industria de refinação é cara, mas se pagaria rapidamente, e como o apparecimento do petroleo no Brasil não é coisa para muito tempo, sobretudo se o governo adoptar a política investigadora que as realidades crúas estão a indicar, viria apenas preparar o paiz para refinar seu próprio óleo com as despesas de montagem já pagas durante o período de refinação do óleo importado. Como o óleo só póde entrar na corrente do commercio depois de refinado, é lógico que um paiz empenhado em descobrir petroleo conduza ao mesmo tempo o estabelecimento da refinação. Do contrario, de nada lhe valerá descobrir óleo dentro de suas fronteiras. Não poderá utilisal-o e não poderá vendel-o, tal a abundancia em que está sendo elle produzido hoje em todo o mundo.

BABASSÚ. Outro problema que sempre me preocupou é o de côco babassú, positivamente uma das grandes possibilidades do norte do Brasil. O consumo de oleos vegetaes cresce no mundo inteiro, de modo que as zonas productoras têm seu futuro assegurado. Dois obstaculos, porém, terão que ser vencidos: um mecanico, outro político.

O obstáculo mecanico parece-me vencido. Estava na machina de quebrar esse côco. Todas as até aqui construídas peccavam por um erro de principio: exigiam o concurso da mão do homem para a quebra do côco um por um. Disso, é lógico, redundava producção fraca, bem pouco superior á quebra

manual em uso no Norte e, pois, nada compensadora do capital empatado.

No empenho de ver desenvolvida a machina de alta producção, puz-me em contacto aqui com vários technicos que estudavam o problema, insistindo no ponto que me parecia essencial .

Fui bem succedido. Consegui que um engenheiro de muita inventiva, Mr. Repp, dos Repp Laboratories, Plainfield, N.J., creador da machina de quebrar o côco cohuna do Mexico, muito próximo do nosso babassú, voltasse suas vistas para o caso e estudasse a machina que nos convinha. Fiz vir do Brasil a necessária quantidade de côco para as experiencias, e a adaptação da machina mexicana ás exigencias do babassú está, neste momento, recebendo os ultimos retoques. As provas me satisfizeram em absoluto. É machina que recebe o côco a granel, separa-o por tamanhos, quebra a varios ao mesmo tempo e separa as amendoas da casca, tudo automaticamente. A primeira unidade construida tem capacidade para 5 toneladas por dia, capacidade que poderá ser alargada a 10 ou 20, á vontade dos interessados.

Os estudos que Mr. Repp está fazendo da casca do babassú têm-no levado a agradaveis surpresas. Embora não conclusos, duas applicações já encontrou para a casca em pó, de muita valia na valorização do producto. Provou esse pó excellent na industria do rayon, ou seda artificial, e como substituto de algodão no fabrico de explosivos, sendo cotado ao preço de 30 dollares a tonelada.

Quer isto dizer que, com a entrada da nova machina, poder-se-á intensificar grandemente a producção de amêndoas de babassú, bem como tirar considerável partido da casca, até aqui sem nenhum valor commercial.

Solvido esse primeiro obstáculo, puramente mecanico, resta o segundo, politico. Parecia irremovível, mas já agora não se apresenta assim, graças ás reformas da politica econonica que a revolução certamente levará a cabo. Refiro-me ao imposto de exportação. Sem extirpal-o, a industria do babassú jamais deixará de ser uma triste condemnada ao marasmo, ou á morte á mingoa, como succedeu com a borracha. Não é muito que mate também ao babassú esse absurdo tributario que nenhum economista ousa defender e só subsiste no Brasil, para desgraça nossa.

Acontece com o babassú o seguinte. Tem elle de concorrer, no mercado mundial, com a copra, cujo commercio orça hoje por centenas de milhões de dollares. Mas se já são dos portos de origem onerado duma taxa pesada (taxa já que cresceu ao extremo limite da resistencia), não poderá sustentar a concorrência da copra e jamais constituirá producto de consumo universal.

A industria sabe adaptar-se ás fluctuações do preço e, graças ao engenho humano, reduzir o preço de custo da producção. Mas, se uma sobrecarga fiscal sobrevem, como acontece com o babassú, irreductivel, irracional, anno a anno mais oppressiva, o marasmo torna-se inevitavel. O imposto- peste, que matou a

borracha do Norte e está a caminho de matar o café, já parasita o babassú com tal fúria que as exportações caíram de 40.000 contos, mais ou menos, a 6.000 e poucos. Houve baixa de preços no exterior e os productores, não podendo adaptar-se a ella, em virtude do obstáculo irremovível, entraram a abandonar a industria. O mesmo phenomeno da borracha.

Capitalistas aqui, conhecedores do negocio e certos do grande futuro que a industria do babassú poderá vir a ter, recusam-se a investir nella capitaes, allegando como espantallo o imposto de exportação. – “Que garantia tenho eu, disse-me um delles, de que o governo dum Estado onde eu empregue capitaes no babassú não modifique completamente a situação commercial ao producto com um simples aggravamento de taxas de sahída, tão fácil de ser votado por congressos desattentos ás lições da economia política? Seu paiz, rematou elle parodiando, sem o saber, o que Saint Hilarie disse das formigas, ou mata o imposto de exportação ou será morto por elle.”

Sobre a terceira hypertrophia da nossa importação, a do trigo, nada resta a dizer, porque tudo está dito. Além disso, o Brasil parece ter-se convencido da necessidade de produzir o que come. O movimento intensificador da cultura do trigo em S.Paulo e no Sul parece-me de molde a reduzir dentro dalguns annos de 500 a 600 mil contos as nossas importações. A somma desse dispendio a menos com cóрте na importação de ferro pela entrada do novo processo siderurgico, mais o dos productos do petroleo pelo estabelecimento da industria da refinação, equivalerá ao augmento da exportação que a nossa economia está pedindo e que as condições do mundo nos impedem de conseguir.

São estas as conclusões que julguei de meu dever apresentar a Vossa Excellencia neste momento em que todos os brasileiros sentem as esperanças renascidas. Conclusões meditadas e baseadas em factos que não, talvez mereçam ser lidas e ponderadas por quem emprehendeu a gigantesca tarefa de arrancar o paiz ao atoleiro em que se ia afundando.

Tenho a honra de apresentar a Vossa Excellencia os protestos da minha mais alta consideração.

(a) Monteiro Lobato

A sua excellencia o senhor doutor Getulio Vargas
Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil